

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

## **REFLEXÕES SOBRE HERMENÊUTICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA<sup>1</sup>** **REFLECTIONS ON HERMENEUTICS AND HISTORICAL CONSCIOUSNESS**

**João Francisco Cocaro Ribeiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de Iniciação Científica

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Graduação em Direito da Uri, campus Santo Ângelo. E-mail: joao-cocaro@hotmail.com.

### **INTRODUÇÃO**

Hermenêutica e consciência histórica constituem dois elementos básicos da obra *Verdade e Método*, ou *Verdade contra o Método*, como também pode ser lido, de Hans-Georg Gadamer. O presente texto tem como enfoque central a questão da historicidade para a hermenêutica. Ela se situa entre a questão da estética e da linguagem. O que se espera com esta articulação da hermenêutica gadameriana é uma contribuição de reflexão e esclarecimento em relação à questão do limite e da fundamentação, como elementos de interpretação que justificam a orientação e espaços de alidade intersubjetiva do discurso interpretativo.

Para compreender esta gama de elementos, é percorrido o texto de Gadamer, sem, contudo, colocar questões ao autor, apenas seguindo seu percurso. Trata-se de uma atitude hermenêutica favorável com o autor, procurando explicitar em toda a subjetividade a substancialidade que a determina, ao invés de, em toda substancialidade, a subjetividade que a define. Uma vez descolocada a subjetividade de sua posição de justificação e fundamentação filosófica, e proposta uma forma alternativa de filosofar, a saber, *compreender* ao invés de *fundamentar*, desvelar o horizonte compreensivo gadameriano se apresenta como condição de possibilidade de perspectivas críticas e criativas.

### **A CONSTITUIÇÃO DA CENTRALIDADE DA HISTÓRIA NA FILOSOFIA**

A questão do posicionamento filosófico das primeiras décadas do século XX, em especial na Alemanha, tem na dimensão histórica o seu elemento mais profícuo. A filosofia se ocupa, então, com a sua própria história, não apenas com o seu desenvolvimento em ideias, mas no seu modo de ser ao se interpretar e reinterpretar. Conhecido como problema da historicidade, seu foco de investigação está direcionado na compreensão do caráter histórico do ser humano e do próprio conhecimento. O que está em questão, nesta centralidade do histórico, não é a essência e o real sentido da história, mas sim as transformações constantes das culturas e dos povos, da acontecimentalidade da dimensão humana em seu desenvolvimento histórico.

Essa análise do ser humano não era assim compreendida pelos gregos, os iniciadores da compreensão ocidental do mundo. Para eles, as nuances, os acontecimentos culturais e históricos, eram determinados por uma ordem cósmica da natureza, em que as quedas, as catástrofes e as

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

ascensões, no essencial, permaneciam as mesmas em sua forma justa de ser, mudando apenas aspectos secundários e superficiais, visto que a mudança da coisa mesma significava a sua decadência. Para os gregos, então, a história é “história da decadência”.

Com a tradição cristã, a história recebe um novo sentido. O ser humano não é mais repetível no momento justificado num eterno retorno do mesmo, mas sua singularidade, por mais que seja condicionada pela história, possui dimensões específicas. Pelo ato da redenção, a história um sentido novo e positivo, pois a tradição e as culturas têm sentido em sua relação com o Deus Criador, configurando a história na polarização do pró ou contra Deus. O modo como Deus se manifesta contribui para a resolução dos problemas dos povos, e jamais é esquecido pelas gerações posteriores.

Mesmo assim, na tradição cristã, a história está postada nessa base metafísica, em que Deus, o absoluto, o ente supremo, é o elemento arqueológico fundamental e, ao mesmo tempo, o teleológico. A historicidade, em seus acontecimentos, é sempre compreendida albergando uma dimensão absoluta, porque ela é apenas uma particularidade da infinitude da providência divina. A história está circunscrita sobre dois polos de uma e mesma entidade absoluta, Deus. A compreensão de Deus revelaria a inutilidade de pensar a história a não ser na condição humana, realmente finita, mas que é significativa em traço essencial relacionada à infinitude. Esta concepção atravessou todo o medievo e, ainda na modernidade, ela influenciou de modo marcante, mas numa versão secularizada.

A preponderante figura de Hegel, ainda em sua época, teve seus contratores, talvez os mais aguçados, que procuravam pensar a questão da liberdade, da política e da própria existência sem a determinação do Espírito Absoluto. Conforme Gadamer, foi Schelling, ao lhe ser dada a tarefa de evitar e esclarecer a periculosidade que a filosofia de Hegel poderia incorrer no campo da política e do conhecimento, quem decretou a sentença de destronamento de Hegel na filosofia ocidental. As ideias de Schelling, entretanto, apenas destronaram Hegel, sem, contudo, ocupar o lugar delas, e conseqüentemente abrindo espaço para a predominância da metodologia científica, que se alargou aos mais diversos campos do saber. Persuadindo de ser o único digno de objetividade e resultado, o pensamento científico acabou por determinar também a problemática da historicidade, almejando esta elevar-se ao nível de uma ciência.

Dilthey, o grande nome do movimento filosófico chamado historicismo, também esteve preso, às amarras deste pensamento metodológico científico. Sua inserção se dá por uma argumentação do tipo kantiana, de fundamentação orientada pela interrogação sobre as condições de possibilidade de uma ciência histórica. “Dilthey quer que a razão histórica necessite de uma justificação igual à da razão pura” (GADAMER, 1997, p. 337). “Uma crítica da razão histórica, em sintonia com o pensamento kantiano, precisa se perguntar pelas categorias que possam sustentar o edifício do mundo histórico das ciências do espírito” (GADAMER, 1997, p. 337). Com o alargamento e preponderância da metodologia científica, a historicidade foi praticamente relegada ao problema da ciência, compreendida sob os cânones da teoria do conhecimento, justificada e delimitada pelo caráter das ciências da natureza.

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

Para Gadamer, no entanto, há algo que distingue Dilthey do kantismo. “Ele não esquece que a experiência é, neste terreno, algo fundamentalmente diferente que no âmbito do conhecimento da natureza” (GADAMER, 1997, p. 339). Mesmo sendo a dimensão epistemológica preponderante no pensamento de Dilthey, ele dá indicações importantes, se pensar-se contra sua metodologia, elevando então a história à dimensão positiva para a filosofia. Dilthey não é só um pensador do historicismo, é um filósofo da vida. Esta, pautada na característica fundamental de ser histórica, é a base para pensar numa justificação de uma filosofia historicista contra a acusação de representar e afirmar relativismos. A vida é uma acontecência histórica entendida na experiência interna da autocompreensão.

A compreensão, por sua vez, além de um resultado de um procedimento histórico, é uma determinação do ser humano em seu modo de viver: “a vida compreende aqui a vida” (DILTHEY apud GADAMER, 1997, p. 350). Neste modo de viver, todo conhecimento da história já é uma compreensão determinada pelo nexos de compreensão do horizonte histórico. Cada momento da vida, cada vivência, é uma assimilação do sentido enquanto totalidade do compreender. A história, compreendida com sentido, assimilada como um conhecimento onde está presente um nexos de compreensão, é a base da autocompreensão no modo como o ser humano se projeta para o futuro e de posição em relação ao passado, explicita-se no presente pela determinação e possibilidade, conjugando sempre sentido e força.

## CONCLUSÃO

Esta tematização da história, circunscrita ao problema epistemológico, cedo ou tarde, iria entrar em colapso e decretar por seu procedimento próprio a sua crise e acabamento. Quando se assume a questão da história, no historicismo, como uma dimensão fundamental da vida, e a vida própria se compreende como histórica, ela já não pode estar delimitada a uma epistemologia. Neste contexto paradoxal, surge a figura de Martin Heidegger. Este interpreta a historicidade na dimensão ontológica do *dasein*. Antes de a historicidade ser um produto de conhecimento, ela é um modo de ser do *dasein* (ser-aí).

## REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans-Georg. *El problema de la consciencia histórica*. Madrid: Tecnos, 1993.

\_\_\_\_\_. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.